

VELHICE, GÊNERO E CORPO: INFINDÁVEL CAÇA ÀS BRUXAS?

Simone Dalbello¹

Acredito que muitas/os acompanharam a polêmica, na qual o cantor Rodriguinho, em um programa de *reality show*, fez o seguinte comentário sobre outra participante, Yasmin Brunet: “Já foi melhor, mas tá bonita ainda”. Nizam, também participante do programa, então respondeu: “Não tô falando do rosto dela não. O rosto é lindo, mas achei o corpo dela meio estranho, tá ligado?”. Então, o cantor voltou a comentar a aparência de Yasmin: “Você percebe que ela está mais velha, que ela largou a mão aqui. Hoje, ela comeu dois pacotes de bolacha com requeijão inteiros”. Vemos nessas frases o peso destinado a aparência feminina e, na mesma medida, ao envelhecimento feminino. Envelhecer em nossa sociedade é quase um crime.

O envelhecimento, além de ser uma questão cultural e de classe social, é, também, permeado “por questões de gênero” (Bassit, 2002, p. 181). Presas nessa cultura que venera o corpo jovem, principalmente as mulheres constroem uma “ficção de uma pessoa sempre saudável, dinâmica e ativa, que precisa ser sustentada, para não estragar a festa de uma cultura que reverencia a juventude” (Kamkhagi, 2008, p. 83). O corpo passa a ser um lócus das relações de consumo e poder. Nos dizeres de Federici (2017): “os corpos das mulheres constituíram os principais objetivos — lugares privilegiados — para a implementação das técnicas de poder e das relações de poder” (p. 32).

A importância da obra *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva* para principalmente na discussão e construção histórica das relações de gênero, as quais “não deveriam ser tratadas como uma realidade puramente cultural, mas como uma especificação das relações de classe” (Federici, 2017, p. 31). Destarte, em meio à caça às bruxas, as mulheres eram consideradas inferiores e fracas perante as “tentações demoníacas” (Gevehr, Souza, 2014, p. 118). Sendo assim, não podiam governar a si mesmas e foram “submetidas à vontade dos homens” (p. 120). Com esse discurso, as mulheres eram consideradas “diabos domésticos”, merecendo castigos quando se comportassem de forma dominadora (p. 117). Outra característica “marcante dos processos de bruxaria é o da criminalização das mulheres” (Tosi, 2012, p. 373). Culpabilizadas das mazelas comportamentais e sociais, as mulheres eram “mais inclinadas a se deixar manipular pelo demônio, o que justificava os tribunais julgarem dez mulheres feiticeiras para cada homem acusado desse delito” (p. 118). Assim, por meio dessa narrativa, justificavam-se as penalizações infligidas às mulheres.

Biroli (2018) reforça que “historicamente a posição relativa das mulheres expõe a baixa efetividade de direitos que foram universalidades nas sociedades ocidentais, mesmo dos mais fundamentais, como o direito à integridade física” (p. 10). A caça às bruxas consiste em uma caça às mulheres, aos seus corpos. Ao tratar da divisão sexual do trabalho, Biroli (2018) a contempla como “um *lócus* importante da produção de gênero” e alerta que a divisão sexual do trabalho hierarquiza questões sociais como gênero, classe e raça.

Enraizada em nossa cultura, a divisão sexual do trabalho acaba por moldar, inclusive, a constituição da identidade dos sujeitos. Na velhice essa questão será evidenciada, e levará

¹ Conselheira Vice-Presidente do CRESS SC. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UFSC.

as mulheres, ainda mais, às margens da sociedade e das oportunidades. Não é incomum vermos idosas sem nenhuma renda, dependendo exclusivamente da renda do cônjuge, a qual, por vezes, não ultrapassa o salário mínimo. Somado a isso, “alimentando esses circuitos”, inclui-se a “ideologia da dependência emocional, física e moral” (Biroli, 2018, p. 32).

Não diferente, a divisão sexual do trabalho é também expressa na forma como as políticas públicas se consolidam e como a seguridade social está constituída no contexto neoliberal. Para fins exemplificativos, aponta-se a modalidade de contribuição previdenciária “dona de casa baixa renda”, na qual para que a mulher possa adquirir o direito à aposentadoria e garantir certa dignidade financeira na velhice, o “Estado reforça a reprodução dos mecanismos de discriminação, dominação e opressão às mulheres das classes subalternas”. Dentre os critérios para o acesso a tal modelo contributivo, a mulher não pode apresentar rendimentos de nenhuma espécie e tão pouco possuir qualquer atividade remunerada. Ou seja, o “Estado exige que a mulher se dedique exclusivamente ao trabalho doméstico” (Barreto, 2020, p. 310). Presencia-se, então, uma apropriação do tempo, dos direitos e da autonomia das mulheres, principalmente daquelas que pertencem às classes subalternas.

Federici (2019) aponta para a instauração dos processos de cerceamento como forma de repressão, demonstrado por meio do cerceamento de terras, do corpo feminino e, não menos importante, do conhecimento. Tal cerceamento intelectual é vislumbrado em nossos dias, na medida que se presenciavam novos processos de informatização dos saberes e da informação. Reflete-se que a inclusão digital e a detenção do saber ainda não são para todas/os, pois até a “sabedoria depende também de oportunidades socioculturais” (Neri, 2001, p. 15). E qual o grupo social mais afetado com a falta de oportunidades e acesso à escolarização?

Como aponta Tosi (2012), “um contingente importante das acusadas de bruxaria estava formado por mulheres velhas que dominavam um saber ancestral” (p. 394). Ou seja, a caça às bruxas era um meio de impedir o acesso das mulheres ao saber, o que nos faz conceber que além da dominação do corpo, havia a intenção de dominação intelectual. Ao analisar os processos de bruxaria, uma das justificativas para tal prática é, “precisamente, o medo que suscita esse saber quando dominado pela mulher” (p. 395). Da mesma forma que a dependência econômica, a falta de escolarização e a dificuldade de acesso à educação, apresentam-se como estratégia para manter a subordinação e dominação feminina. As idosas diferem de outras faixas etárias no que diz respeito ao nível de escolaridade, tendo normalmente menos anos de escolarização e menor qualificação profissional (Salgado, 2002).

Na atualidade (re)significam-se essas formas de criminalização, dominação e violência contra mulheres. Vivenciam-se muitas heranças das caças às bruxas que incidem diretamente na vida das mulheres: “a violência doméstica, a subordinação e a sua difícil inserção em alguns segmentos da vida pública, ainda são vestígios que nos fazem lembrar cotidianamente dos lugares do chamado segundo sexo” (Gevehr, Souza, 2014, p. 121).

Mediante essas afirmações, pode-se concluir que a caça às bruxas nunca se findou, apenas apresenta-se com outras estratégias de dominação na atualidade. Aborda-se outra modalidade de caça às bruxas: a caça às mulheres velhas. Tal modalidade de caça não é oriunda da contemporaneidade, apenas apresenta-se como uma extensão histórica. Durante dois séculos de caça às bruxas, mais de duzentas mil mulheres foram mortas, grande parte delas idosas. No contexto da “Inglaterra, as bruxas eram normalmente mulheres velhas que viviam da assistência pública, ou mulheres que sobreviviam indo de casa em casa mendigando pedaços de comida” e “na maioria das vezes, eram viúvas e viviam sozinhas” (Federici, 2017, p. 309).

Tosi (2012) também atesta que durante o período de caça às bruxas a “maior parte das mulheres condenadas por essa atividade eram velhas pobres que viviam no meio rural” (p. 374). Isso nos indica que as mulheres mais vulneráveis eram as que ficavam mais suscetíveis a serem “caçadas” e punidas. Assim, as bruxas eram – e ainda são - representadas principalmente como a mulher pobre, idosa, dependente financeiramente e que ameaçava e amaldiçoava as pessoas devido a sua segregação social (Federici, 2019).

A velhice apresenta-se como uma fase de maior fragilidade para as mulheres. Permeada por uma cultura que valoriza o jovem e o produtivo, elas passam a ser vistas como apenas

velhas, ou, bruxas. Não bastasse a condenação reproduzida pelo imaginário social, elas são “caçadas” e punidas das mais diversas formas. O corpo velho feminino passa a ser feio e repulsivo, e, assim, cabível de condenação.

Por isso, pode-se falar de novas estratégias de caça às bruxas, de caça às velhas na contemporaneidade. O corpo velho feminino – que não se enquadra mais nas expectativas estabelecidas pela sociedade - é alvo de violências e discursos de ódio; de desdém e repulsa. Atualmente, não se faz mais uso de fogueira ou forca em meio à praça pública. As estratégias são expressas pelo poder disciplinar e coercitivo exercido por meio das mais diversas violências; pela falta de renda e dependência financeira; pelo aniquilamento social e do mercado de trabalho; pelo preconceito etário; pela cultura da estética desenfreada, a qual dissemina que, por meio de aplicações de botox e silicone, pode-se ocultar as rugas e “despistar” os “caçadores”; pela falta e dificuldade de acesso às políticas públicas; e, principalmente, pela exclusão social que as persegue e aniquila.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Eulália Lima. Violência de gênero na trama de gênero. In: SARDENBERG, C.M.B., and TAVARES, M.S. comps. **Violência de gênero contra mulheres: suas diferentes faces e estratégias de enfrentamento e monitoramento**. Salvador: EDUFBA, Bahianas collection, vol. 19, p. 267-292, 2016.
- BARRETO, Laudiana. Direitos e seguridade social em tempos neoliberais: contradições e desafios feministas. **Revista Katálysis**. Direitos humanos, democracia e neoconservadorismo. Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 309- 316, 2020.
- BASSIT, Ana Zahira. Histórias de Mulheres: reflexões sobre a maturidade e a velhice. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JR., Carlos E. A. (Orgs.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Fiocruz, p. 175- 188, 2002.
- BIROLI, Flávia. Gênero e desigualdades: os limites da democracia no Brasil / Flávia Biroli. – 1ª ed. – São Paulo: Boitempo, 2018.
- FEDERICI, Silvia. Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Editora Elefante, 2017.
- _____. **Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais**. CANDIANI, Heci Regina (trad.). 1º ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- GEVEHR, Daniel Luciano; SOUZA, Vera Lúcia de. As mulheres e a Igreja na Idade Média: misoginia, demonização e caça às bruxas. **Revista Acadêmia Licência&acturas**. Ivoti. V. 2. N1. P. 113-121, jan/jun, 2014.
- KAMKHAGI, Dorli. **Psicanálise e velhice: sobre a clínica do envelhecer**. São Paulo: Via Lettera, 2008.
- MOTTA, Alda Britto da. **As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento**. Cadernos pagu (13) p.191-221, 1999.
- NERI, Anita Liberalesso. O fruto dá sementes: processos e amadurecimento e envelhecimento. In NERI, Anita Liberalesso (Org.). **Maturidade e velhice: Trajetórias individuais e socioculturais**. Campinas: Papirus, 2001.
- TOSI, Lúcia. Mulher e ciência: a revolução científica, a caça às bruxas e a ciência moderna. **Cadernos Pagu**, (10), 369-397, 2012.

Expediente: Este boletim é uma publicação do CRESS 12ª Região - Gestão 2023-2026.

Comissão de Comunicação: Cassiano Ferraz, Flávia de Brito Souza, Jéssica Degrandi, Latoya de Oliveira Costa Ramos da Silva, Rodrigo Faria Pereira e Simone Dalbello.

Diagramação: Cassiano Ferraz - Assessor de Comunicação (comunicacao@cress-sc.org.br)